

# BOLETIM DO MUSEU DE BIOLOGIA

PROF. "MELLO LEITÃO"

SANTA TERESA — E. E. SANTO — BRASIL

---

SÉRIE: PROTEÇÃO À NATUREZA — N. 18 — 16/1/54

---

Grupos Antropológicos Indígenas do E. E. Santo. Causas de seu desaparecimento. Dados sobre a população e a área de floresta para sua sobrevivência. Com um mapa.

Augusto Ruschi  
Museu Nacional

Continuando os trabalhos sobre a prospecção dos diferentes ecossistemas em território do Estado do Espírito Santo, ainda que carentes de dados mais profundos, tive a felicidade de poder analisar um curioso problema em relação ao último reduto no Município de ARACRUZ, no Distrito de Santa Cruz, na margem esquerda do Rio Piraquê-Assú, onde vive um grupo de 80 índios Tupi-Guaranis, em uma área de 30.000 hectares de Florestas virgens, com cerca de 10 hectares de abertas. Esses Índios, constante de 43 mulheres e 37 homens, entre adultos e crianças, estão concentrados na localidade próxima de caieiras, na margem do Piraquê-Assu, entre o mangue e a Floresta. A área de floresta que ocupam pertence a Cia. Ferro e Aço de Vitória, onde em área maior essa Cia. extrai carvão para sua indústria de ferro gusa. A origem desse grupo indígena é remanescente da mescla dos Tupis e Guaranis, os primeiros do Rio Doce e os últimos trazidos da região do Estado do Paraná, por Guido Malière, em intercâmbio realizado com um grupo levado do Rio Pancas para o Paraná.

Eles falam o Tupi, o Guaraní e o português. Cultivam na pequena aberta a mandioca, o milho, o feijão, o amendoim, a cana, a batata doce e a abóbora. Da floresta retiram a maior parte dos alimentos e das fibras para fabricarem seus apetrechos para caça e pesca. Usam também para caça armadilhas para a captura de mamíferos diversos, como: Anta, Paca, Tatú, Queixada, Catete e Veados. No Rio Piraquê-Assú e Piraquê-Mirim, fazem suas pescarias, usando fisga para facheio noturno, locomovendo-se em pirogas que eles mesmos fabricam de tronco de árvores; também se alimentam de mariscos, ostras, carangueijos e siris que retiram dos manguesais que ali são extensos e ricos. Na mata buscam muitas frutas, dentre as quais pude observar: Vários cocos, entre os principais observei: *Attalea humilis*; *Attalea funifera* e *Attalea compta*; a primeira mais encontrada na barranca de encostas que desce para os Rios referidos e as duas outras no interior da floresta na chapada; o oiti da mata: *Moquileia utii* Cupá; Maracujá: *Passiflora* sp.; Ingá: *Inga* sp.; Jaboticaba: *Myrciaria jaboticaba*; Sapucaia: *Lecythis pisonis*; Jaracatiá: *Carica dodecaphylla*; Cajá mirim: *Spondia lutea* Cajú; *Anacardium occidentale*; Grumixama: *Stenocalyx brasiliensis*; Genipapo: *Genipa americana*; Pitanga: *Eugenia mitchellii*; Araçá: *Psidium* sp. Goiaba: *Psidium guajava*; e Araticum: *Anona* sp. e outras. Para o fabrico de seus arcos e flexas usam o tronco de palmeira Tucum: *Astrocaryum aculeatissimum*, sendo o arco totalmente desse tronco que é revestido com a fibra em lamínas de alguns cipós, sendo a casca do cipó *Philodendron* sp., que também serve para fixar a ponta das flexas, as quais também são feitas da mesma palmeira referida, bem como as lanças para arpoarem peixes. Esses indígenas já mantem contacto com os civilizados e vez por mês ou cada dois três meses vão até a localidade de Santa Cruz, que fica a oito quilômetros descendo o Rio Piraquê-Assú.

Dados antropológicos, como são em sua maioria resultantes da micigenação dos Tupis e Guaranis, são de estatura baixa, sendo os homens com 1,65ms. de altura e robustos, de pele bronzada e cabelos intensamente negros, imberbes ou raros pelos na região do bigode, nariz pouco afilado, maçãs do rosto pronunciadas e olhos amendoados, normalmente vestem somente calça ou calções; as mulheres são de estatura mais baixa, 1,55ms. de feições bonitas, usam cabelos longos, vestem-se com longos vestidos. As mulheres trabalham em artesanatos, fabricando flexas, arcos, cestas, painéis de barro, peneiras, abanos, com cipós tintos de vermelho, negro e amarelo, que utilizam e também conduzem juntamente com seus maridos e filhos para trocarem em Santa Cruz, Barra do Riacho e Regência. Durante os anos que mantive contacto com esses indígenas, pude sentir-lhe que apesar de viverem em perfeito equilíbrio nessa area de trinta mil hectares, ou seja 3,7 habitantes por Kms<sup>2</sup>., o avanço da devastação florestal para a instalação de pastagens para o desenvolvimento da pecuária, sem o aproveitamento da madeira de lei, pois tudo é queimado, e como o habitat dos animais e aves, bem como as plantas indígenas, frutíferas e medicinais que utilizam, já lhes trazem certas apreensões, pois sua falta cresce dia a dia.

Estamos certos de que lhes ocorrerá tal como ocorrera com os remanescentes do Aldeamento do Rio Pancas, afluente do Rio Doce, no Município de Colatina, nos anos de 1928 a 1940, em que mais de 300 índios como esses do Piraquê-Assú, ali viviam e a Companhia de Colonização daquela area, que cedia para cada agricultor, e sua família a venda de 200 hectares, separou para todo o Aldeamento de 300 pessoas, com mais de 60 famílias indígenas, apenas uma area de aproximadamente 600 hectares de florestas, e com a penetração e derrubadas, seguida das grandes queimadas, para o plantio de café em menos de 15 anos os eliminaram por completo, tendo escapado da morte esses remanescentes que foram para o Piraquê-Assú, e dali em breve, novamente pela exploração de latifúndios, irão ser exterminados sem que tenham sido integrados á nossa civilização por falta de amparo condigno; especialmente de educação dos jovens que são muito inteligentes e trabalhadores. Posso aqui testemunhar e deixar consignado os meus mais profundos agradecimentos á todos eles, porque nos levantamentos da flora e fauna que ali procedi, sempre tive o auxilio de todos que precisei. Ainda nos reconhecimentos da fauna aliada procedida nessa mata habitada por estes remanescentes indígenas, conforme eles capturavam em armadilhas ou abatiam, pude verificar a existencia de Macuco, Mutum, Jacutinga, Jaó, Inhambú chororó, Inhambú Tururim, e Inhambú pé roxo, Jacupemba, Aracuan, Marreca peba, Marreca piadeira, Pato do mato, Gavião bicolor, Gavião branco, Gavião real, Gavião macaco, Capueira, Saracura tres pótes, Jaçaná, Quero-quero, Maçarico de coleira, Pombo pedrez, Pocassú, Juriti da mata, Juriti comum, Arara vermelha, Maracanã, Tiriba fura-mato, Papagaio verdadeiro, Papagaio jurú, Papagaio peito roxo, Urutáu, Araçari da mata, Araçari póca, Tucano de bico preto, Picapáu do campo, Picapáu gigante de cabeça vermelha, Surucua vermelho, Surucua laranja; todas essas aves tinham sua carne aproveitada para alimento e na maioria a plumagem aproveitada para ornamentação das flexas, colares etc., como também o faziam com dentes das queixadas e catetes, tambem se alimentavam com a carne da preguiça, tamanduá bandeira e colete, além dos já referidos e tambem do lagarto, teiú.

Assim, a guisa de introdução dei essa informação sobre o que nos resta dos grupos indígenas que em 1841, segundo Relatório do Governador do Estado da época constituíam metade da população do E. Santo, ou seja dos 16.000 habitantes, 8.000 eram indígenas e 8.000, entre portugueses, Espanhóis, Africanos e seus descendentes brasileiros ha varias gerações, quando apenas 5.000kms<sup>2</sup>. estavam desbravados, na faixa litorânea e ás margens de alguns Rios, para a exploração agricola e pecuária e as pequenas povoações, estabelecidas em altitudes localizadas no Platô Terciário, que

abrange 30% do território espiritosantense, enquanto os restantes 70% fazem parte das zonas de topografia acidentada do complexo arqueano e ainda totalmente inexplorado nessa época. Já em 1941 eramos 650.000 habitantes, com apenas esses 80 índios citados, do Piraquê-Assú, e as áreas abertas chegavam a 20.000kms<sup>2</sup>. em culturas, pastagens e capoeiras; hoje somos 850.000 habitantes, entre os quais ainda constam esses 80 indígenas ou seus descendentes, habitando a mesma área de 330kms<sup>2</sup>. no Rio Piraquê-Assú, e já contamos com quase 30.000kms<sup>2</sup>. em áreas abertas para cultivo e abandonadas em capoeiras. A previsão para a permanência tranquila desses restantes 80 indígenas, com a devastação desenfreada das florestas, seu habitat, eles serão extintos.

A expansão demográfica do homem civilizado irá eliminar da face da Terra, todo um contingente de alguns milhões de seus semelhantes que vivem em "Tribus indígenas" em seu habitat, em equilíbrio ha centenas de milhares de anos, nos varios continentes. O fenomeno que se nos apresenta é de certa forma uma advertencia ao caminho futuro da humanidade, pois enquanto a população civilizada cresce e porisso precisa desbravar as áreas ainda virgens do Planeta, em busca de terras para produção de alimentos e instalação de metropoles e seus complementos, as populações indígenas irão sendo impiedosamente desimadas, nós entretanto vemos que, mesmo com o advento da tecnologia avançada e o progresso da ciência modernas, não haverá uma forma fácil de estabelecer-se o equilíbrio entre o aumento da população e o aumento da produção de alimento; um dia, dada a taxa de crescimento populacional e a impossibilidade do aumento na mesma progressão dos recursos alimentares, uma Lei biológica interferirá para a restauração do equilíbrio perdido. Infelizmente o narcisismo irrefreável do homem de hoje, apelará não para o bom senso da universalidade e igualdade, mas, preferirá a disputa entre os mais adiantados, com a guerra, tal como as guerras ultimamente havidas e mesmo muito mais violentas, graças aos novos métodos e recursos armamentistas disponíveis, infelizmente de consequências até mesmo imprevisíveis. E, paralelamente, o mesmo que nós, mais civilizados estamos fazendo com as Tribus indígenas, pois o homem atual, que pôde habitar todos os lugares das terras emersas, graças a sua valencia ecológica, irá ocupa-los, e assim mesmo, a degradação dos abientes da biosféra, sólo, agua e atmosfêra, continuarão em escala crescente a serem poluídos, ao envez de obedecer a uma programação para a utilização racional dos mesmos. Em tantas reuniões da União Internacional para a Conservação da Natureza, problemas dessa ordem foram estudados e continuam a serem prioritários em suas reuniões, onde, mais de uma centena de Nações se fazem representar, mas apesar das ponderações de cada uma, impêra a autonomia de cada uma e infelizmente a tomada de consciencia comum entre os povos não fôra concretizada, o que não deixa de ser lamentável. Sabemos que é impossivel manter toda a área coberta de Florestas primitivas, sem uso, uma vez que a população cresce desproporcional em relação a produção de alimentos e bens de consumo, para os novos padrões evolutivos da espécie humana; mas, uma mostragem de todos os habitats de nosso Planeta se fazem indispensáveis se quizermos sobreviver, pois esse todo é um ecossistema em que somos parte interdependente e que ser-nos-á indispensável mante-los, para nossa integridade futura e permanente.

## OS PRINCIPAIS GRUPOS INDIGENAS

Assim que ingressei no Museu Nacional do Rio de Janeiro, pude por varias vezes tomar informações e esclarecimentos com o Prof. Kurt Ni-muendajú, sobre a distribuição de nossas principais Tribus Indígenas. E segundo o mesmo, todas as Tribus já estavam extintas, isso em 1939, restando apenas esses remanescentes Tupi-Guaraní que descrevi. E o quadro

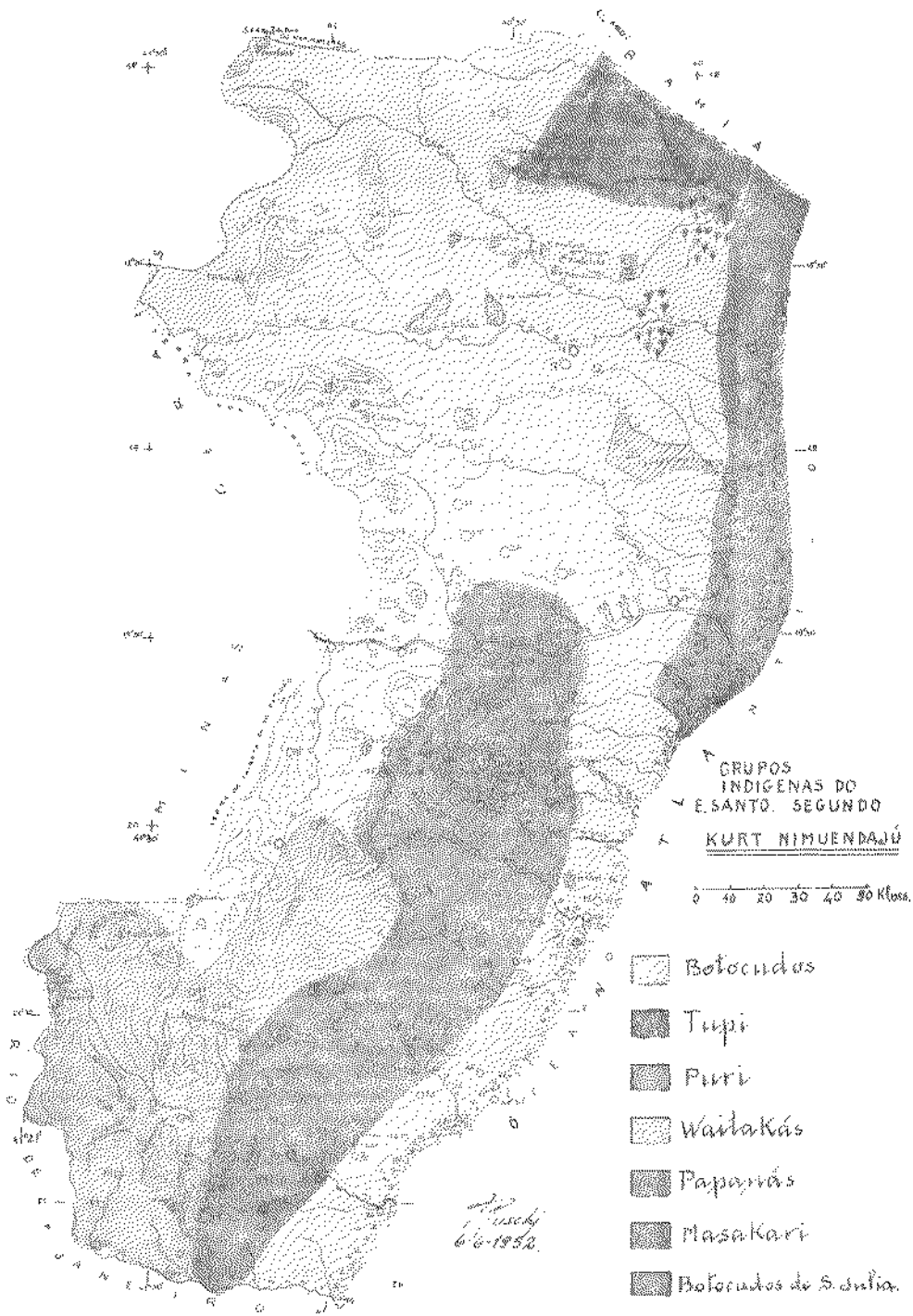
feito então pelo notável mestre foi o seguinte: Localizados na divisa com a Bahia, até ao sul do Rio Itaúnas, pelo centro, vinham os Masakari, pela faixa litorânea, desde a divisa da Bahia até Riacho os Papaná, ainda desde a divisa com a Bahia e Minas Gerais, pelo oeste até a Serra de Criciúma, seguindo pela margem direita do Rio Guandú até a Serra de Santa Julia, atravessando o Rio Doce pela margem esquerda e seguindo pouco ao norte, e abrangendo a região das Lagôas do Rio Doce, passando para a margem direita e chegando até as nascentes do Piraquê-Assú e Piraquê-Mirim, e confrontando com a faixa ocupada pelos Papaná estavam os Botocudos, ou seja ocupando mais de 28.000kms<sup>2</sup>. enquanto os Papaná ocupavam cerca de 3.000kms<sup>2</sup>. Os Masakari ocupavam cerca de 1.200kms<sup>2</sup>.; seguindo-se pela faixa litorânea, em igual profundidade que os Papaná, desde Combólos em Riacho até o Rio Itabapoana viviam os Waitakás, numa area de 3.000kms<sup>2</sup>. Na região extremo sul desde o Rio S. Pedro, seguindo pela Serra do Araponga, seguindo até Pedra Azul e Garrafão e daí seguindo para o Rio Guandú em suas cabeceiras e indo até a divisa com Minas, e descendo pela divisa de Minas e do Rio de Janeiro, com uma area de 5.000kms<sup>2</sup>., viviam os Puris e finalmente, entre as areas limitrofes com os Botocudos ao Norte, noroeste e nordeste, com os Waitakás a Leste e a oeste com os Puris, indo ao sul até o Rio Itabapoana, numa area de 8.400kms<sup>2</sup>. viviam os Tupis.

Essa era a distribuição dos nossos indigenas nos seculos passados; destacavam-se entre os Grupos Linguisticos dos Botocudos: Anket, Aranã, Nye-pnyep, Naknyanuk, Nakrehé, Poycá, Yiporok e Botocudo; entre os Grupos Linguisticos dos Tupis: Guarani, Temininó e Tupinaki. Os outros tinham Grupo Linguistico próprio ou seja: Massakari, Waitaká e Puri, sendo desconhecido o Grupo Linguistico dos Papanás. Os trabalhos de Augusto Saint' Hilaire, Maximilliano De Wied, Martius e Spix, Hartt, Von Hering, Silvio Froes de Abreu, Guido T. Malliére, Gal. Couto Magalhães, Kurt Nimuendajú, Charles Wagley e Eduardo Galvão, Darcy Ribeiro, Affonso Claudio, Frei Jacinto de Palazzolo, e o Padre José de Anchieta, alem de outros, publicaram varios importantes trabalhos sobre os Indigenas do E. E. Santo.

### CAUSAS DO DESAPARECIMENTO DESSES GRUPOS INDIGENAS

Como sôe acontecer em todas as partes do nosso Planeta, onde a civilização do homem de cultura das cidades, expande sua conquista para as terras inexploradas, onde a cobertura florestal guarda todo o seu Patrimonio Natural primitivo, sempre foi consequencia de sua conquista, mesmo que pacifica em relação aos povos primitivos ali existentes, o simples fato da destruição desse ecossistema, habitado por tribus indigenas, para a implantação da agricultura, mineração, pecuária ou implantação de areas metropolitanas, vai afugentando o autoctone e por fim o extermina. Casos ha de metodologia mais desastrosa, pois quando ha reação direta, em que os grupos indigenas se defendem atacando o acampamento dos civilizados, então o massacre é realizado com o fuzilamento desenfreado e barbaro. O exemplo dado pelo Sertanista e Indigenista Marechal Candido Mariano da Silva Rondon e seus auxiliares, quando dos Serviços de Comunicações e na demarcação das divisas do Brasil com paizes da Amazonia, é impar na America do Sul e deveria ser seguido para o futuro da expansão de nossa conquista e integração do Oeste e Norte do país.

Como estudioso de nossas florestas brasileiras, não vejo um metodo que possa ser utilizado para trazer a nossa civilização as tribus aculturais, no prazo que se deseja; pois são tais civilizações indigenas que vivem em seu estado primitivo ha milhares de anos e jamais poderão aceitar em poucas gerações apenas, com todo nosso apoio e dedicação a sua assimilação



ÍNDIOS DO E. E. SANTO

e adaptação a nossa condição social de vida, que lhe é tão diversa.

Não se tem tido progresso nesse sentido com o que vem fazendo o Serviço Nacional do Índio. Ainda a meu ver, grandes áreas habitadas por essas Tribus Indígenas da Amazonia deveriam permanecer em preservação, pois não se torna difícil fazer o levantamento do potencial da área de ação vital de cada Tribu, para que possam as mesmas serem separadas e que assim permaneçam, para que elas mesmas passem lentamente a experiência de contactos com os civilizados. Ao envez dos civilizados irem ao seu encontro, que os esperem, e daí ter-se o ponto de partida. Não conheço um só exemplo que comprove tenha havido maturação cultural de tribus indígenas em poucas décadas, mas acredito que elas chegarão em séculos, e para o Brasil, esse exemplo de manutenção do patrimônio genético primitivo de nossas tribus, especialmente as mais primitivas, da Amazônia, serão repositórios de grande valia para acompanhar a evolução das ciências biológicas e antropológicas, principalmente nas áreas biomédicas onde muito poderão auxiliar, uma vez que o isolacionismo dessas pequenas populações em ambientes segregados, possuem fatores que não se encontram mais em outros povos das metrópoles. Esse será um digno exemplo da valorização do homem pelo próprio homem, pois ainda mais de 200.000 seguramente habitam o território do Brasil, daí a necessidade de serem criadas as RESERVAS ANTROPOLÓGICAS, para preservação dos grupos humanos autoctones, na forma como prescreve a nomenclatura dos termos relativos a Conservação da Natureza, aprovados na Primeira Conferência Internacional de Proteção da Natureza, realizada em 1933 em Londres e em 1947 em Brunnen.

Só assim será evitado o massacre dos nossos Indígenas.